

trajetória de vida de alguns adolescentes dentro do sistema socioeducativo nos diferentes momentos abordados na obra servem de pano de fundo para uma problematização de elementos conjunturais e permite que o leitor vislumbre uma maior proximidade com as análises tecidas.

Dessa forma, vale destacar as reflexões levantadas pela autora acerca da realidade do aumento da criminalidade entre os adolescentes a partir da década de 1990, e o cotidiano das instituições para adolescentes que cometeram atos infracionais. São dados de pesquisas e relatórios que descrevem a situação e realidade das unidades de internamento de adolescentes infratores na cidade de São Paulo. E declara com sabedoria que “[...] as políticas de privação de liberdade acabam reforçando a socialização no mundo do crime, a reincidência e a construção da carreira moral da delinqüência no interior da própria instituição destinada ao controle social” (p. 167).

Trassi coloca em questão se a participação dos adolescentes na criminalidade urbana, especialmente nas modalidades violentas, realmente cresceu ou se há uma espetacularização do crime pela mídia.

O capítulo final constitui-se de alguns tópicos que visam ir além da aparência e das “representações sociais falseadoras da realidade sobre o tema adolescência – violência no contexto da cultura” (p. 204). Esse binômio possui múltiplas faces, complexas determinações e articulações, para compreendê-lo faz-se necessário um modo de olhar e compreender que implica a transdisciplinariedade, é necessário transitar por vários saberes.

A autora coloca em discussão se há uma ética possível na violência, e se pensar sobre o futuro implicaria pensarmos uma ética da violência. Temos guerras legítimas e ilegítimas que autorizam a liberação da crueldade no

dia-a-dia, pois o outro, quem quer que seja, pode ser um inimigo. Temos que as crianças e os adolescentes são vítimas da guerra e também seus personagens – é possível pensar um futuro para crianças e adolescentes que vivem radicalmente a experiência da violência, ou ainda, existe possibilidade de não repetirem como agentes a violência que os vitimou anteriormente? Há um claro fracasso dos mecanismos reguladores da convivência coletiva – faz-se necessário construir estratégias para acabar com as práticas “dissimuladas ou descaradas de convivência com a crueldade”. Num mundo narcisista, imediatista, no qual prevalece uma moral do consumo – no qual há espaço para os ideais e as utopias? Faz-se necessária uma crítica “à sociedade contemporânea e uma valorização radical do ser humano como razão última de todo ato social. A ética da solidariedade com o outro [...] um esforço coletivo, transnacional” (p. 254).

A inserção profissional da autora no universo das relações constituintes de seu objeto de estudo, ao mesmo tempo em que exigiu prudência e autocrítica no concernente as suas idéias, convicções e julgamentos, possibilitou o aflorar de um novo olhar para realidade, um profícuo exercício intelectual que consiste naquilo que Roberto Damatta define como: “tornar exótico o natural”.

Nesse processo, a autora sinaliza para o fato de que o mérito de uma pesquisa não está em desvelar uma esfera da realidade ainda inexplorada, mas ser capaz de partir de uma esfera por vezes familiar e perceber novos elementos passíveis de questionamentos, aspectos do real ainda não problematizados, romper com o instituído, penetrando nele a fim de constatar onde se deflagram suas lacunas.

E vai além, o desnudamento das realidades vivenciadas pelos jovens aos quais ela recorre para delinear o processo de construção de suas idéias, e

muitos outros que ali se encontram representados em meio às folhas, dá o tom da obra – sincera, realista, muito bem embasada, e sensível às conjunturas do sistema nacional de atendimento ao adolescente que cometeu ato infracional.

Soeli Andrea Guralh

Assistente social
Mestranda do Programa de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
E-mail: sguralh@hotmail.com

Silvia Regina Ott Migliorini

Psicóloga
Mestranda do Programa de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
E-mail: silvia_migliorini@hotmail.com

GONDRA, José Gonçalves (Org.).

Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

“Recensar, pensar-se, promover uma dobra sobre si para refinar os modos de fazer história da educação”. Assim começa o texto “Mapas da produção em história da educação” que abre o livro *A pesquisa em história da educação no Brasil*, organizado por José Gonçalves Gondra (2005). O conjunto da obra cumpre esse objetivo na medida em que indica lugares e modos de produção, aponta para as principais temáticas discutidas nesses *espaços de fazer*, delinea os recortes temporais e teóricos e, principalmente, nos indica as lacunas e incompletudes, as questões abertas, enfim, as possibilidades de refutação e *exumação de procedimentos efetivos* (Certeau, 1982) e crescimento da discussão em história da educação no Brasil.

O livro é uma coletânea de textos

escritos por ocasião do seminário “A produção da pesquisa em história da educação no Brasil”,² promovido pelo grupo de trabalho (GT) História da Educação da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no Rio de Janeiro em 2004, com o interesse de refletir acerca da produção em história da educação no Brasil a partir de levantamentos e análises realizadas nas regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

No conjunto dos balanços publicados nessa obra encontramos uma gama de procedimentos operatórios que indicam as condições de elaboração de cada levantamento, os ritmos de pesquisa de cada região, a base documental constituída, os trabalhos efetivamente realizados e a própria forma que se impôs a cada escrita. Sendo assim, os textos reunidos nessa publicação não formam uma unidade generalizante e globalizante, antes possibilitam, para além da idéia de quadro nacional da produção, o reconhecimento das continuidades e descontinuidades na história intelectual no campo e possibilita perceber as singularidades das regiões, estados e programa de pós-graduações.

O texto divide-se em duas partes. Na primeira, a discussão diz respeito a historiografia, fontes, avaliação e circulação da história da educação. Na segunda é apresentado um inventário da produção cujos recortes temporais variam entre os estados e regiões, mas, no conjunto, estendem-se de 1943 a 2004.

Na primeira parte, o reencontro com importantes textos apresentados nas reuniões do GT História da Educação da ANPEd, no início da década de 1990. São escritas que, via de regra, discutem a historicidade do campo, os limites e as possibilidades das fontes

² Em sua maioria, pois contém também textos “clássicos” sobre historiografia, avaliação e fontes, produzidos no início da década de 1990.

historiográficas – com destaque para a discussão do próprio conceito de fonte – e a necessidade de permanente vigília na construção e reconstrução dos nossos recortes temáticos e procedimentos operatórios. No conjunto, Clarice Nunes, Marta Carvalho, Denise Catani e Luciano Mendes de Faria Filho convidam-nos a pensar a história da educação recusando tudo o que possa se apresentar na forma de uma alternativa simplista e autoritária, do estatuto conferido a determinados tipos de fontes ao privilégio de certos objetos.

Na segunda parte, os balanços de produção apresentam os *contornos* da produção em história da educação a partir de levantamentos nos cursos de pós-graduação em atividade nos espaços tempos pesquisados. As pesquisas foram construídas a partir dos programas de pós-graduação e apresentam como principais categorias de análise os recortes temáticos e temporais e os períodos históricos pesquisados.

No texto “A escrita da história da educação na pós-graduação no Rio de Janeiro (1972-2001)”, Claudia Alves apresenta um panorama da história da educação naquele estado. É uma escrita rica em descrição metodológica e inovadora na composição da sua base de dados na medida em que a seleção dos trabalhos se pautou por um critério central que buscou contemplar o diálogo entre educação e história para além dos programas de pós-graduação em educação e em história. Os resultados produzidos a partir desse procedimento mostram que, naquele espaço tempo, embora 72% dos títulos levantados sejam oriundos da pós-graduação em educação, os trabalhos que constroem abordagens históricas de objetos referentes à educação não ficam restritos aos programas de educação e história, mas passam a ocupar um território que se espalha em direção a outras áreas.

“História da educação no estado de São Paulo: a configuração do campo e a produção atual (1943-2003)”. Com

esse título, Diana Gonçalves Vidal, Paula Perin Vicentini, Katiene Nogueira da Silva e José Cláudio Sooma Silva apresentam o inventário da produção em história da educação no estado de São Paulo. Em consonância aos critérios estabelecidos para a produção dos balanços, o recorte temporal recuou ao ano de 1943 e estendeu-se até 2004. Esse alargamento deriva da existência de uma produção acadêmica no campo anterior à instalação da pós-graduação em educação no estado, embora, na discussão apresentada no texto, o período anterior ao surgimento dos programas de pós-graduação apareça apenas numa breve incursão sobre a constituição da disciplina e a elaboração dos primeiros trabalhos acadêmicos no estado. A brevidade percebida nessa parte inicial do texto é compensada na riqueza de informações acerca da produção histórico-educacional dos últimos 30 anos. Nessa parte é possível encontrar: datas de instalação e níveis de formação dos programas de pós-graduação em educação, instituições formadoras dos pesquisadores da área atuantes no estado, além de períodos, níveis de ensino e temas abordados nas teses e dissertações pesquisadas.

“História da educação em Minas Gerais: pequeno balanço e algumas perspectivas de pesquisa (1985-2001)” é um mapeamento dos trabalhos publicados em periódicos e anais de congressos, reuniões anuais e encontros de pesquisa no período de 1985 a 2001. Nesse texto Luciano Mendes de Faria Filho, Irlen Antonio Gonçalves e Sandra Caldeira apresentam um panorama da produção que privilegia a demarcação temporal e temática dos trabalhos levantados.

Pensando em aspectos importantes como os períodos eleitos pela pesquisa, as fontes, os aportes teóricos metodológicos e os autores mais utilizados, a historiografia das regiões Norte e Nordeste aparece no texto “A produção em história da educação das

regiões Norte e Nordeste – o estado do conhecimento (1982-2003)”, escrito por Marta Maria de Araújo. Esse inventário propicia a visualização de um vasto território formado por 12 programas de pós-graduação. Essa agregação, ao mesmo tempo em que possibilita uma visualização da produção no que se refere ao quantitativo dos trabalhos, aos temas e autores citados na bibliografia dos trabalhos pesquisados, se distancia das especificidades de cada programa.

O balanço da produção da Região Sul está inscrito na obra a partir do texto “A pesquisa em história da educação nos programas de pós-graduação em educação da Região Sul (1972-2003)”. A pesquisa é uma produção conjunta de Maria Helena Câmara Bastos, Marcus Levy Albino Bencosta e Maria Teresa Santos Cunha. Os autores assumem o perigo em aproximar a produção dos programas de pós-graduação de três estados cujas trajetórias e histórias são tão distintas. Essa é uma preocupação pertinente, porém nesse caso a agregação não comprometeu em nada a riqueza do levantamento e suas análises.

“A produção da história da educação na Região Centro-Oeste – perspectivas (1992 a 2004)” condensa a produção do Distrito Federal, dos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e do município de Uberlândia (MG) e suas áreas de influência. Traça as características mais amplas e preliminares numa visão integrada da produção daquela região com ênfase nos mecanismos e estruturas institucionais disponíveis, no levantamento quantitativo das dissertações, dos artigos publicados e da participação em eventos.

“A produção acadêmico-científica sobre a história da educação no Espírito Santo (1992-2002)” é um levantamento feito a partir das dissertações produzidas na pós-graduação em educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e das teses dos professores da UFES defendidas em

espaços como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Enquanto levantamento, o texto indica a abordagem teórico-metodológica das dissertações e teses pesquisadas, os temas abordados e os procedimentos metodológicos adotados.

A obra apresenta no seu conjunto uma variante de procedimentos operatórios, uma quantidade significativa de levantamentos estatísticos sobre o campo e constitui uma fonte de informações para novas pesquisas na medida em que seus próprios autores assumem a incompletude das análises e as dificuldades vivenciadas na composição das informações. Cumpre seu objetivo e abre o desafio de avançarmos na produção de estudos mais específicos que privilegiem as particularidades/singularidades das regiões, dos estados, dos programas, ou até mesmo que rompam com esses lugares geográficos definidos para inserção de outros olhares mais verticalizados que privilegiem a discussão em torno das fontes, das metodologias, dos diálogos intelectuais adotados pelos pesquisadores do campo. Trabalhar nesse registro, isto é, pensar a necessidade, possibilidade, condição e direção de ultrapassagem do que está posto nesse livro, é resultado da sua própria estrutura e condição de produção, ou seja, é uma leitura de passagem que em vez do confinamento das respostas prontas nos instiga ao horizonte de novas produções.

Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

Laudeci Martins

Doutoranda em educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED-UERJ)
E-mail: laudecimartins@yahoo.com.br

GALLO, Silvio. *Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação*. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. 268p.

Outra vida, outra militância.

Um pensamento independente e de solidariedade intelectual. Na apresentação de seu novo trabalho, *Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação*, lançado pela editora paulista Imaginário, especializada em livros libertários, e pela Editora da Universidade Federal do Amazonas, Silvio Gallo nos convida a contatos e leituras que se possibilitem como alternativas aos pensamentos hegemônicos na educação. Afirma que escolheu trabalhar com as perspectivas anarquistas justamente por elas não se aterem aos pensamentos políticos marxistas e nem às práticas do movimento estudantil dominantes nos anos de 1980, período de formação filosófica do autor.

Esse livro é uma coletânea de textos escritos durante os anos de 1990 e nos primeiros anos de 2000, dispersos em revistas e capítulos de livros, que dizem respeito a uma perspectiva libertária em educação.

Sílvio Gallo já havia abordado a temática libertária em dois trabalhos anteriores: *Pedagogia do risco* (Papyrus, 1995), baseada em sua dissertação de mestrado, no qual apresenta uma filosofia da educação anarquista sob a perspectiva do conceito de risco; e *Educação anarquista: um paradigma para hoje* (Editora da Universidade Metodista de Piracicaba, 1995), no qual mostra os principais pontos de sua tese de doutorado, procurando construir uma filosofia anarquista da educação.

No conjunto de textos aqui apresentados, Gallo nos traz, ao mesmo tempo, um tom acadêmico e um tom